

RELATÓRIO DE PESQUISA

PERÍCIAS GRAFOSCÓPICAS EM CARTAS PSICOGRAFADAS

SANDRO FONTANA

Instituto de Pesquisas Psicobiofísicas de Porto Alegre

cmte.fontana@gmail.com

Publicação Exclusiva para a Revista Ciência Espírita

Resumo

O presente artigo se propõe a ilustrar alguns fatos importantes sobre a psicografia mecânica e análises grafoscópicas, incluindo o parecer técnico publicado junto ao livro Cartas Da Imortalidade, do médium Nilton Sousa.

Introdução

Embora críticos de todos os tipos insistam em tentar vincular a mediunidade à fraude ou à hipótese PSI, tais argumentos vem se enfraquecendo com o tempo.

As hipóteses de fraudes, perante as psicografias, tem perdido o sentido devido a muitos médiuns estarem seguindo orientações de estudiosos, onde vem de encontro a abolição de conversas prévias com familiares ou outros tipos de contatos. Devido a isso, na atualidade, temos um grande acervo de cartas psicografadas com detalhes minuciosos sobre espíritos e, a cada dia, mais e mais pessoas se convencem dessa realidade por estarem intimamente ligadas com os espíritos que deixaram a vida terrena e tem a certeza de não terem fornecido qualquer tipo de informação ao médium.

A hipótese PSI, ainda mais “sobrevivente”, vem tentando impor-se baseada em fatos e estudos psicológicos. Vale lembrar que a hipótese PSI tem um peso muito elevado e não é tão simples descartá-la. Baseado nisso, alguns estudos vem sendo feito para tentar se verificar se a hipótese PSI é realmente válida.

Em 2010 iniciamos um trabalho para estudos com cartas psicografadas, onde se vem acumulando material e se fazendo perícias grafoscópicas nas mesmas. O intuito principal é dar continuidade ao trabalho iniciado por Carlos Augusto Perandrea e continuar a verificação se é possível surgirem grafismos de pessoas já falecidas em cartas psicografadas. Os estudos são promissores e vem demonstrando autenticidade nos materiais analisados, no entanto ainda trabalhamos em elevar o número de amostras e

compreender melhor como funcionam e quais são os limites das comunicações psicografadas.

Na pesquisa de Perandrea (1991) ele constatou uma característica importante: o hibridismo na escrita.

Por dedução, tal fato é decorrente de um animismo, onde o médium (em transe) influencia na comunicação mesmo sem a intenção. Isso foi descoberto por Alexandre Aksakof (1895) e perdura como uma “Lei Espírita” até hoje.

Em nossa pesquisa a mesma “LEI” se mantém e isso passa a ser um problema nas pesquisas com uso da grafoscopia, haja visto o pesquisador ter de selecionar material onde o médium tenha influenciado em menor grau na comunicação.

Outro porém, publicado na primeira edição da revista Ciência Espírita (2014) demonstra que, além das influências anímicas, ainda existe a necessidade dos espíritos saberem atuar sobre o médium no momento da psicografia mecânica. As comunicações, por outro lado, vem ocorrendo telepaticamente (sem necessidade de habilidade dos espíritos) ou com uso de espíritos intermediários. Tudo isso faz com que o tema seja instigante e ainda requeira algum tempo até se finalizarem estudos mais conclusivos.

Paralelamente a isso, um médium de Fortaleza, Nilton Sousa, escreveu um livro em conjunto com outros pesquisadores espíritas. No livro há um capítulo onde ele relata detalhadamente como ocorre o fenômeno consigo, convergindo para as conclusões em pesquisas feitas previamente (sobre psicografia) e por observações *in loco* por este quem escreve.

O livro, além de elucidar particularidades do fenômeno da psicografia, traz diversos casos de cartas psicografadas e, ao final, uma análise grafoscópica sobre 3 cartas, onde uma perita dá parecer positivo de autenticidade.

Tal material vem a colaborar fortemente para os atuais estudos e pesquisas, onde a “disputa” entre as hipóteses PSI e Espírita devem ser retomadas nos próximos anos.

O que é a grafoscopia?

Antes de explicar a grafoscopia, é necessário dizer o que não é a grafoscopia, isso porque ocorre muita confusão com essa ciência e o outro estudo.

Grafoscopia não é a grafologia. Esse último (grafologia), tem por objetivo identificar a personalidade do indivíduo escritor, usando métodos específicos para tal. Barbosa de Oliveira (2004), define a grafologia como:

A grafologia é, em um sentido amplo, o estudo da escrita (do grego graphos, escrita e logos, estudo ou tratado). Mas em sua acepção mais comum é uma metodologia utilizada para inferir atributos psicológicos, sociais, ocupacionais e médicos de uma pessoa a partir da configuração de suas letras, linhas e parágrafos. Segundo os grafólogos, estas informações são tiradas somente da escrita e não do texto em si. A grafologia afirma ser possível determinar se alguém é um líder, um empreendedor ou um estorvo para a empresa, apenas analisando a sua letra e diz também ser possível determinar até a compatibilidade matrimonial. ...()

A grafologia, portanto, é muito questionada e considerada, inclusive, como pseudo-ciência por Barbosa de Oliveira (2004) pois envolve métodos discutíveis e não confiáveis.

Por outro lado, segundo Bosco (2005), em seu livro “Grafologia – A Ciência da Escrita”, a personalidade, o caráter, o temperamento e problemas de saúde de um indivíduo podem ser percebidos através da escrita:

Quem escreve não é a mão, mas sim o cérebro, que comanda o movimento muscular. Se existe algum distúrbio emocional, isso será refletido no trabalho cerebral, logo, no movimento do punho que escreve e, conseqüentemente, na forma da escrita...()

Embora ocorram opiniões divergentes, o importante a salientar é que a grafologia pretende classificar uma personalidade ao grafismo, determinando algo psicológico e por esse motivo é amplamente utilizada na psicologia de Recursos Humanos etc.

A grafoscopia, uma matéria da Ciência Forense, já possui outro objetivo, delimitando sua área de atuação e sendo amplamente aceita na área criminal e jurídica. Sua função é identificar a autenticidade de uma escrita ou assinatura.

Segundo Russi & Freixo(2009):

A GRAFOSCOPIA não se confunde com a GRAFOLOGIA, pois têm objetivos diferentes, enquanto a grafoscopia é uma das ciências forenses que fazem parte criminalística e tem por atribuição auxiliar a Justiça, fornecendo provas técnicas de autenticidade das assinaturas e ou autoria destas, a grafologia procura com seus estudos analisar a escrita, buscando desvendar a psicologia humana, tem seu uso difundido por empregadores como um dos métodos para fazer a seleção de seus empregados.

Em um estudo realizado por peritos forenses (Freitas; Justino e S. Oliveira), publicado na revista digital “Âmbito Jurídico”, se explica que:

(...)Perícia Grafotécnica está relacionada com a elaboração de um Laudo Pericial por perito nomeado (oficial ou não), com o objetivo de levantar aspectos da grafia de um autor e cientificamente atestar:

- se a grafia pertence ou não a este autor,
- se a grafia é oriunda de próprio punho deste autor e
- se a grafia é autêntica ou não (imputando a falsidade)

De um modo geral, a grafoscopia vem sendo usada no mundo todo como uma ciência oficial, lhe imputando a capacidade técnica de afirmar ou não que um grafismo é oriundo de uma pessoa.

A grafoscopia, como ciência, obedece a 4 leis da escrita, sendo essas imutáveis e que fornecem subsídios para se determinar a autenticidade ou não de escritos, essas leis são (Russi & Freixo, Rebello Filho, Falat, Gomide):

1ª. Lei da escrita.

“O gesto gráfico está sob a influência imediata do cérebro. Sua forma não é modificada pelo órgão escritor se este funciona normalmente e se encontra suficientemente adaptado à sua função.”

Comentário: O enunciado desta lei deixa claro que sendo o cérebro o gerador do gesto gráfico, desde que o mecanismo muscular esteja convenientemente adaptado à sua função, ele produzirá escrita sempre com as mesmíssimas peculiaridades.

Assim sendo, aquele que escreve, por exemplo, com a mão direita, se passar a fazê-lo com a esquerda, após sucessivos treinamentos apresentará escrita com idênticas características grafocinéticas.

O mesmo ocorrerá com escritas produzidas com a boca, ou com os pés, conforme farta literatura a respeito, provada pela casuística pericial. A circunstância de os loucos não escreverem, voltando a fazê-lo nos eventuais momentos de lucidez, é a maior evidência da premissa da 1a. lei de Solange Pellat.

"As leis da escrita independem dos alfabetos utilizados."

2ª Lei da escrita.

"Quando se escreve, o 'eu' está em ação, mas o sentimento quase inconsciente de que o 'eu' age passa por alternativas contínuas de intensidade e de enfraquecimento. Ele está no seu máximo de intensidade onde existe um esforço a fazer, isto é, nos inícios, e no seu mínimo de intensidade onde o movimento escritural é secundado pelo impulso adquirido, isto é, nas extremidades".

Comentário: Esta lei se aplica precisamente aos casos de anonimografia, onde o esforço inicial dos disfarces é muito mais acentuado, perdendo sua intensidade à medida que a escrita vai progredindo. Incidindo no automatismo gráfico, o escritor aproxima-se de sua escrita habitual, deixando elementos que poderão incriminá-lo. O mesmo pode ocorrer nos casos de falsificação, demonstrando a conveniência de um exame mais atento nos finais dos lançamentos, onde os maneirismos gráficos ocorrerão com mais frequência.

3ª Lei da escrita.

"Não se pode modificar voluntariamente em um dado momento sua escrita natural senão introduzindo no seu traçado a própria marca do esforço que foi feito para obter a modificação".

Comentário: Na prática essa lei tem aplicação nos casos de auto-falsificação, podendo ocorrer em outras simulações, obviamente. Em qualquer deles o simulador se trairá, através de paradas súbitas, desvios, quebra de direção ou interrupções, cabendo ao técnico interpretar convenientemente essas particularidades.

4ª Lei da escrita.

"O escritor que age em circunstâncias em que o ato de escrever é particularmente difícil, traça instintivamente ou as formas de letras que lhe são mais costumeiras, ou as formas de letras mais simples, de um esquema fácil de ser construído".

Comentário: Sempre que se torna penoso escrever, em circunstâncias desfavoráveis, prevalecerá a "lei do mínimo esforço", resultando em simplificações, abreviaturas, letras de forma ou esquemas pouco usuais, buscando abreviar os lançamentos.

Na prática são comuns casos dessa natureza em escritas produzidas em veículos em movimento, em suportes inadequados, em posições desfavoráveis, por pessoas enfermas ou em situações que demandem extrema urgência, de tudo resultando excelente cabedal gráfico para precisas conclusões periciais.

Russi & Freixo, Rebello Filho, Falat e Gomide acrescentam também que:

Até o momento, se obteve uma visão geral do que é a grafoscopia, sua seriedade e aceitação. Há, porém, a necessidade de separar peritos de pessoas que possuem curso básico em grafoscopia, esses últimos sem competência oficial (e técnica) para analisar e fornecer parecer técnico-científicos, são eles: Bancários com treinamento em grafoscopia, funcionários de empresas privadas aeroportuárias ou não, ou seja, toda aquela pessoa não credenciada para tal (Ricco et al.)

De todas as leis da grafoscopia (citadas anteriormente) partem todo o estudo e análise das características da escrita, fornecendo subsídio para determinar algo como genuíno ou não.

Num consenso geral (Perandrea, Falat & Rebello, Gomide & Ferreira et al), os grafismos de uma pessoa possuem fases que mudam conforme o tempo, partindo desde a alfabetização (iniciação gráfica), passando por uma maturidade e chegando ainda em seu estado senil. No mesmo consenso, é possível afirmar que uma assinatura nunca será exatamente igual a outra, grafada por si mesmo. Os peritos afirmam que, caso uma assinatura seja idêntica a outra, então uma ou as duas são falsas.

Falat & Rebello (2012) ressaltam que:

*No momento da produção do grafismo, sempre que uma pessoa vai executar sua assinatura, a produção do sinal gráfico passa por três fases: a da **morfologia**, onde a pessoa passa a efetuar a busca de informações, ou seja, a lembrança da forma gráfica da trajetória.*

*Em seguida, desenvolve-se a fase da **gênese**, onde o indivíduo começa a planejar a execução da escrita no papel. Entende-se que nesse momento, o escritor passará a dimensionar a altura dos símbolos, de tal maneira que haja concordância no tocante à proporcionalidade entre os gramas¹⁵.*

*Após esta fase, passa-se à **sinergia**, onde, na verdade, acontece a execução propriamente dita da escrita.*

Dessa forma a análise propriamente dita de um grafismo considera os elementos básicos: Imagem da assinatura, espontaneidade e dinâmica.

Falat & Rebello (2012) demonstram que além dessas fases a serem observadas, é necessário observar outras características, como: **Ataques e arremates** (forma como o escritor começa e termina um traço); **Tendência do punho** (A forma como predominam os traços curvos ou angulosos na escrita); **Fechamento dos gramas circulares** (os gramas em formatos circulares quando comparados a um ponteiro de relógio apresentam horários no que tange ao seu fechamento ou na ocorrência da primeira inversão do sentido da escrita).

Gomide & Ferreira (2005) agregam conhecimento e informação, relatando o extenso conceito (impossível de ser abordado nesse artigo) sobre os elementos do grafismo considerado numa análise pericial, eles incluem: Inclinação axial, espaçamentos entre escritas e caracteres/gramas, calibre da letra (tamanho), comportamento em relação a linha base etc.

É também, amplamente aceito, o conceito de que assinaturas e grafismos sofram algum tipo de deformação (Perandrea, Falat & Rebello, Gomide & Ferreira et al), e depende do perito designado para analisar a mesma, que o faça de maneira apropriada, considerando todas as características possíveis.

De um modo amplo, em todo o contexto demonstrado até o momento, fica fácil compreender rapidamente os conceitos e a seriedade técnica envolvida, porém os peritos passam por desafios em determinados casos, uma vez que sempre precisam de várias amostras de originais para serem comparados.

Um dos pontos tocantes da problemática são as deformações do grafismo, ou seja, considerar e encontrar traços genuínos ou falsos dentro de uma escrita que tenha sofrido algum tipo de deformação.

Para os peritos em geral (Perandrea, Falat & Rebello, Gomide & Ferreira et al), a deformação do grafismo pode ocorrer por diversos motivos, incluindo desde a parte muscular da mão que grafa a assinatura, até fatores emocionais e psicológicos. Faz parte também nessa consideração, o material utilizado e o lugar sobre o qual foi grafada a assinatura. Perandrea (1991) acrescenta:

As modificações nos grafismos, de maior ou menor intensidade, transitórias ou permanentes, podem ocorrer devido a causas internas e causas externas.

As causas internas são aquelas que atuam sobre o organismo produzindo perturbações, e decorrem do uso do álcool, da droga, do cansaço, da emoção exaltativa ou depressiva, de moléstias em geral, enfim de todos os tipos de patologias temporárias ou permanentes.

As causas externas são transitórias e ocasionadas pelo ambiente, tais como iluminação insuficiente, frio ou calor intensos; inadequabilidade do instrumento escritor, ou do tipo do papel ou do suporte; e, ainda, principalmente a ocasionada pela mudança do pivô gráfico ou ponto de apoio da escrita, em decorrência do mau posicionamento do escritor.

Perandrea (1991), como professor perito, foi mais longe nas características, trazendo em seu trabalho os casos de mão-guiada, mão-auxiliada e mão-conduzida, reforçando que somente peritos experientes poderiam detectar e observar detalhes nos gramas das letras:

Torna-se oportuna a transcrição da matéria tratada por Carlos de Arroxellas Galvão, no livro Grafoscopia Judiciária (Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1936, p. 117):

"Dentre as influências que caracterizam e deformam o grafismo, está em primeiro lugar a escrita da mão guiada. Essa produção gráfica tem sido estudada por diversos autores, notadamente Solange Pellat, nas perícias dos testamentos, e Edmond Locard, em seu aspecto

criminal. Distinguem-se três formas diferentes: a mão guiada propriamente dita, a mão forçada e a mão auxiliada. ...)

(...) A mão auxiliada é a que, para escrever, se socorre de outrem, para reforçar a sua impotência funcional mais ou menos acentuada: é o caso da escrita senil, das lesões ou feridas no braço, ou doenças nervosas, etc."

Nas escritas de moribundo, estudadas por Solange Pellat¹⁶, o traço é tênue, filigranado, de orientação indecisa em consequência do estado de extrema fraqueza do escritor, sendo ainda deformado por influências externas em consequência da posição desfavorável e imprópria em que se encontra o escritor.

Os peritos (Perandrea, Falat & Rebello, Gomide & Ferreira et al) também são unânimes em afirmar que falsificações deixam alguma forma de "rastro" e esses podem ser identificados por especialistas. Tal informação é importante para a parapsicologia pois um dos problemas no estudo dos fenômenos são as fraudes (Rosa Borges, 1992).

O trabalho dos grafoscopistas, portanto, vai além de identificar o verdadeiro, buscando também o falsário. Isso inclui a possibilidade de auto-falsificação, ou seja, quando uma pessoa tenta fazer sua própria assinatura de forma diferente para não assumir algum tipo de compromisso ou responsabilidade (Gomide & Ferreira, 2005).

Em consenso também (Perandrea, Falat & Rebello, Gomide & Ferreira et al), as falsificações podem ser de vários tipos, dentre elas:

- a) Sem imitação: Aleatória, rubricando ou assinando de forma randômica, sem modelo original para copiar;
- b) Falsificação de memória: o falsário memoriza previamente a assinatura e a reproduz a posteriori;
- c) Imitação servil: É aquela que o falsário copia de um modelo original;
- d) Falsificação exercitada: O falsário treina antes de fazer a assinatura;

Também é importante salientar que os peritos, a fim de evitar falhas nas perícias, evitam dar parecer 100% para casos onde o material original não estava disponível, isso porque certas marcas são deixadas somente no papel pelo cérebro/mente do escrevente (não vistas em cópias), principalmente as de fraude, conhecidas como "paradas" (Gomide & Ferreira, 2005).

Sobre as falsificações, Falat & Rebello (2012) ressaltam que:

Mesmo diante da utilização de padrões à vista, a manutenção do mesmo tipo de pressão empregada nos padrões é muito difícil porque, na tentativa de se imitar este item, consequentemente o falsário terá que reprimir seu gesto gráfico, fazendo que a espontaneidade fique prejudicada.

É por esse motivo que não há como descartar totalmente a hipótese de fraude sem que as peças originais sejam analisadas num todo, portanto há a necessidade de se

analisar os originais, tanto os questionados como os padrões para que se evidencie ou não marcas de fraude e detalhes peculiares dos autores gráficos.

Um outro detalhe que se faz necessário salientar, é o fato de que, em toda a hegemonia do material sobre grafoscopia estudado, todos são unânimes em afirmar que a grafismo é individual e único (Perandrea, Falat & Rebello, Gomide & Ferreira et al), portanto tudo deve ser analisado com detalhes, inclusive os originais para comparar a pressão exercida pelo material escrevente (caneta, lápis etc) e determinar pontos coincidentes, ou não, em cada grama do material gráfico.

Qual a importância da pesquisa em psicografia com uso da grafoscopia?

A resposta a essa pergunta pode ser deduzida por outra:

Partindo-se do princípio que uma assinatura ou grafia são únicas para cada pessoa, então como um médium poderia refazer a assinatura (mesmo que parcial) de alguém que já morreu?

Essa condição especificamente seria complicada de explicar pela hipótese PSI, inclusive a super PSI, onde prevê que os fenômenos de clarividência pré-cognitiva e retrocognitiva ocorrem simultaneamente com a telepatia. Isso porque as pesquisas tem revelado dois tipos de assinaturas e grafismos semelhantes:

- a) desenho gráfico idêntico porém não autêntico;
- b) grafia autêntica.

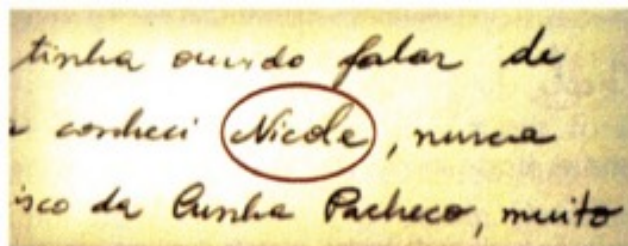
Na primeira situação, a hipótese superPSI poderia ser válida pois, como afirma Nilton Sousa (2015) e outros médiuns já estudados, há momentos em que é possível “ver” o desenho da assinatura, como uma imagem, e então eles tentam reproduzi-la no papel (cópia). Para esses casos, obviamente, os peritos detectam uma fraude tipo imitação, onde o médium estaria como que “copiando” a letra a partir de uma amostra padrão.

Nesse tocante, para muitos céticos materialistas, já teria-se que admitir a paranormalidade em si, uma vez que o médium não obteve amostras materiais previamente. Há também aqueles que atribuem o poder da mente como algo material, porém se esquecem que, se isso for acatado, terão que acatar que toda a fundamentação materialista está equivocada, uma vez que clarividência implica em “romper o espaço-tempo”.

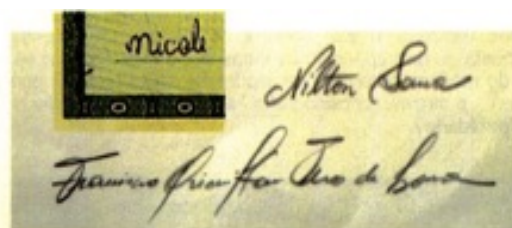
Na segunda situação, nem a PES ou SuperPES explicam o fenômeno. Numa possível tentativa de supor que o inconsciente do médium (devido o transe) poderia gerar um grafismo similar (como o elaborado conscientemente) poderia explicar a autenticidade do grafismo, este por se tratar de uma série de características únicas explicadas sobre grafismo. Ainda que alguém consiga elaborar uma hipótese

que tente explicar o fenômeno, se o mesmo o fosse mental/ cerebral, seria fácil de controlá-lo para experiências afim, assim como tem-se feito para estudos da telepatia.

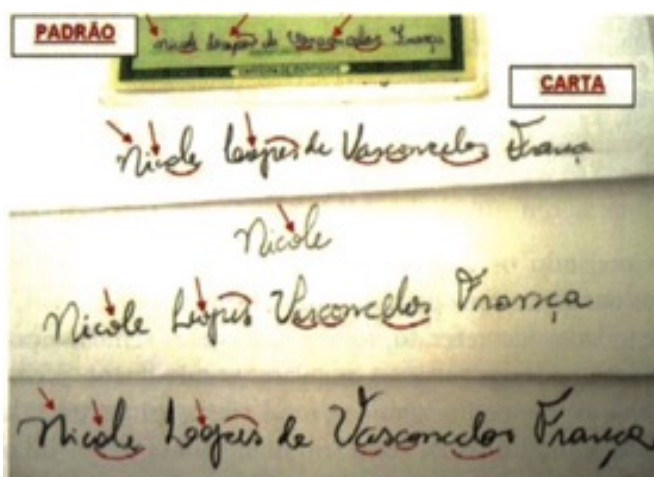
A seguir uma série de imagens de apenas um dos casos de grafismos analisados no livro Cartas da Imortalidade (2015):



Escrita de Nilton Sousa fora do transe, elaborada mediante ditado sugerido pela grafotécnica, onde se vê grafado o nome Nicole com "N" na forma maiúscula.



Assinatura de Nilton Sousa ao lado do nome Nicole, detalhe retirado da carteira de identidade da mesma e abaixo o seu nome completo, assinado fora do transe.

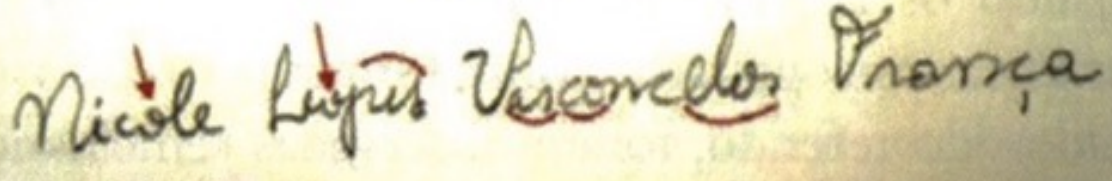
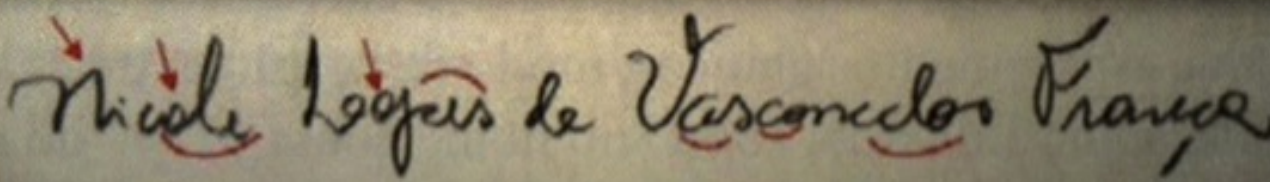


É importante enfatizar que os peritos necessitam de várias amostras padrão para melhor certificação e emissão de um parecer ou laudo. No caso ilustrado, o “F”, de “França” parece ter sido diferente, comparado ao documento de identidade. Nesses casos os peritos recorrem a outras amostras:


 ASSINATURA DO TITULAR
 CARTEIRA DE IDENTIDADE
 FICHA DE CADASTRO
 (1): Nicole Lopes de Vasconcelos França
 e Nasc.: 21/12/1994 Data de Nasc.: 21/12/1994
 do Pai: Luís Carlos Vasconcelos França
 Assinaturas padrão de Nicole quando vivia sobre a Terra

PADRÃO

CARTA

Tem-se observado também, em críticas, tais como no site Ceticismo Aberto (2010), onde os questionadores alegam que os peritos se detêm nas semelhanças e parecem “esquecer” as diferenças. Sobre essa questão é importante salientar que, como é de conhecimento corriqueiro, nossas assinaturas nunca são exatamente iguais e vão mudando ao longo do tempo. Por esse motivo, primeiramente, é rotina dos grafoscopistas buscar por vestígios de fraude, onde somente depois se iniciam as análises do grafismo. Nas análises se busca as convergências dentro das Leis da Escrita.

Além das informações citadas, pelo fato de Perandrea (1992) ter percebido o hibridismo nos grafismos, se torna fundamental ainda uma comparação do grafismo normal do médium com a carta e as amostras padrão fornecidas pelos familiares. Contudo se demonstra que esses casos de pesquisa são atípicos e por isso ainda estão no âmbito de estudos.

Sugestão e rumo para futuras pesquisas

Os atuais métodos grafoscópicos são indiscutíveis, uma vez que a ciência da grafotécnica é utilizada como ferramenta a muitos anos e no meio judicial e agora colaborando nas comparações gráficas no espiritismo. No entanto é necessário aprimorar ainda mais os métodos de pesquisa espírita nesse sentido, desde a escolha dos médiuns até o controle sob as sessões, mesmo que a grafoscopia afirme ter o controle de fraude pelos grafismos.

As seguintes sugestões aplicam-se a todo e qualquer estudo que possa vir a ser feito com o mesmo objetivo, são:

- a) Escolha adequada do médium. Conforme Fontana (2012) a escolha de médiuns adequados são fundamental para esse tipo de pesquisa. Para tal é importante a seleção de médiuns que vem demonstrando habilidade de psicografia mecânica e o surgimento de assinaturas identificado pelos familiares;
- b) Manter o médium em um ambiente no qual lhe seja adequado, evitando um controle excessivo que possa atrapalhar a ocorrência do fenômeno;
- c) Evitar de se alterar o “*modus operandi*” do médium, com um controle sob o qual o fenômeno possa não ocorrer. Pode-se elaborar um controle onde os familiares sejam de conhecimento e selecionados apenas pelos pesquisadores, eliminando assim a hipótese de vazamento e fraude;
- d) Evitar qualquer contato prévio ou conversas com o médium;
- e) Na escolha dos familiares para a sessão, recomendamos que a equipe pesquisadora selecione alguns casos onde houve morte traumática ou que a família necessite realmente de comunicação;
- f) É recomendado que, se for possível, não se forneça nomes na presença do médium, isto deve ser feito previamente. A presença dos familiares pode ser necessária apenas para fins da hipótese do espírito comparecer junto com a mesma;
- g) Pode-se inserir alguma família falsa, ou seja, a presença de familiares que não convirjam com o referido espírito a

ser evocado, dessa forma será possível eliminar algumas hipóteses em avaliação sobre o fenômeno;

- h) Buscar perante os familiares muitas amostras de assinaturas ou grafismo padrão do referido espírito;
- i) Mais peritos na metodologia. Em geral tem-se utilizado apenas um perito nas verificações, mesmo sendo comum o perito utilizar de um auxiliar para lhe criticar sobre o trabalho, recomendamos a utilização de 2 ou 3 peritos, todos trabalhando de forma independente para verificação posterior das conclusões. Isso se faz importante pois é comum alguns céticos alegarem que o parecer de um perito não seria suficiente, pois este poderia errar na análise;
- j) Deve-se evitar qualquer sugestão, principalmente falsa, ao médium. A indução de informações errôneas, tais como um familiar aparecer com uma camisa com uma assinatura do falecido anula eticamente a pesquisa além de que, devido a mediunidade, o médium está facilmente a ser sugestionado.

Conclusão

As pesquisas vem avançando e solidificando suas bases, tornando os métodos mais seguros e os resultados se mantendo coerentes com pesquisas do passado.

É importante manter e aprimorar o rigor do controle sobre as sessões e manter um elo agradável de relacionamento com o médium.

No Brasil e em várias partes do mundo, a mediunidade tem sido mal vista por muitos cientistas e isso causou certo distanciamento e interesse por parte dos médiuns de participar e compreender a importância de tais estudos. Por outro lado, alguns núcleos de pesquisa vem conseguindo respeito público e obtendo médiuns aderentes às pesquisas.

Referências Bibliográficas

- SOUSA, Nilton - Cartas da Imortalidade - 2015
- GOMIDE & FERREIRA (2005) – Manual de Grafoscopia – 2ª Edição – Ed. Liv e Ed. Universitária de Direito.
- FALAT & REBELLO (2012) – Entendendo o Laudo Pericial Grafotécnico e a Grafoscopia – 1ª Edição – 6ª reimpressão – Editora Juruá – Curitiba-PR
- JOSÉ BOSCO (2005) - A Ciência da Escrita - MADRAS
- BARBOSA DE OLIVEIRA, ANA LUIZA (2004) - http://www.projetoockham.org/pseudo_grafologia_4.html
- ROSA BORGES (1992) - Manual de Parapsicologia - Edição do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas
- Acessado 2013 - <http://www.ceticismoaberto.com/fortianismo/5974/psicografia-de-chico-xavier-colocada-prova>
- FONTANA, Sandro (2012) - Mediunidade Mensurável - <https://www.scribd.com/doc/94859105/Mediunidade-Mensuravel>